

A centralidade das Escrituras Sagradas nos Pais da Igreja

The centrality of the Holy Scriptures in the Church Fathers

Acyrr de Gerone Junior

Resumo

Este artigo¹ descreve uma breve história de como os Pais da Igreja manifestaram uma grande estima pelas Escrituras Sagradas. Por meio da compreensão do contexto histórico e teológico dos primeiros séculos da era cristã, percebe-se a importância das Escrituras Sagradas na atuação dos Pais da Igreja. As Escrituras foram lidas, citadas, pregadas, ensinadas e difundidas com entusiasmo e de maneira consistente pelos primeiros líderes cristãos. Além disso, a própria definição do cânon neotestamentário, bem como o estímulo ao uso de recursos de leitura e estudo, e o desenvolvimento de traduções, constituíram um profícuo trabalho realizado na época. Entre outros, Orígenes e Jerônimo se destacam no trabalho bíblico realizado. Tal realidade possibilitou que o cristianismo se desenvolvesse e se fortalecesse desde os primeiros momentos pós-apostólicos. A opção metodológica se fundamenta em revisão de literatura. Espera-se que estas reflexões contribuam com uma melhor compreensão da história e um melhor conhecimento da atuação dos Pais da Igreja, principalmente, a partir da perspectiva da relação deles com as Escrituras Sagradas.

Palavras-chave: Pais da Igreja. Escrituras Sagradas. Bíblia. Orígenes. Jerônimo.

¹ O presente artigo é fruto de uma tese de doutorado defendida na PUC-Rio: GERONE JUNIOR, A., Uma história da difusão das Escrituras Sagradas: a atuação das Sociedades Bíblicas no Brasil.



Abstract

This article describes a brief history of how the Church Fathers expressed a great esteem for the Holy Scriptures. Through the understanding of the historical and theological context of the first centuries of the Christian era, the importance of the Holy Scriptures in the work of the Church Fathers is perceived. The Scriptures were read, quoted, preached, taught, and disseminated enthusiastically and consistently by early Christian leaders. Furthermore, the very definition of the New Testament canon, as well as encouragement to the use of reading and study resources, and the development of translations, constituted a fruitful work carried out at the time. Among others, Origen and Jerome stand out in the biblical work carried out. This reality made it possible for Christianity to develop and strengthen itself from the first post-apostolic times. The methodological option is based on a literature review. It is hoped that these reflections will contribute to a better understanding of history and a better understanding of the role of the Church Fathers, especially from the perspective of their relationship with the Holy Scriptures.

Keywords: Church Fathers. Holy Scriptures. Bible. Origen. Jerome.

Introdução

Considerando a estima dos primeiros líderes cristãos – sucessores dos apóstolos nos primeiros séculos –, alguns foram reconhecidos e, posteriormente, chamados de “Pais da Igreja”,² dada a sua importância na

² Considerando na análise deste texto, especialmente o contexto da Igreja do Ocidente, a designação “Pai da Igreja” foi utilizada “originalmente para denominar os bispos que foram os sucessores das testemunhas diretas de Jesus Cristo, isto é, dos apóstolos e dos varões apostólicos (Marcos, Lucas, Tito, Timóteo, Silas etc.). Os padres da Igreja ensinaram, preservaram e zelaram pela doutrina da fé e pelos costumes” (FERNANDES, L. A., *A Bíblia e sua mensagem*, p. 17). Há de se ressaltar que a Tradição Católica normalmente faz a designação “Padres da Igreja”. Já, entre os protestantes, o mais comum é encontrar a designação “Pais da Igreja”. O fato é que ambas apontam para o mesmo propósito, pois trata-se de uma designação comum realizadas pelos primeiros cristãos àqueles que desenvolveram ofícios de liderança no início da Igreja, ou seja, eram os presbíteros ou bispos da Igreja dos primeiros séculos da Era Cristã. Neste artigo, ambas as expressões poderão ser utilizadas de forma intercambiável. Vale destacar, igualmente que, como a Igreja, nessa época, ainda não havia passado por nenhuma cisão (nem da Igreja do Oriente, nem dos protestantes), resta óbvio que todas as tradições cristãs possuem estima pelas contribuições ocorridas nesse período à Igreja, como bem pontuou Fernandes acima.

história da fé cristã. Há de se considerar que o período em que eles atuaram – principalmente, nos primeiros séculos da era cristã – apresentava aspectos cruciais que determinariam o desenvolvimento do cristianismo, que, na época, era apenas um novo movimento religioso que emergia dentro do Império Romano. De fato, era necessária uma ação firme, consistente e constante na defesa da fé cristã perante a sociedade e na rejeição dos falsos ensinamentos no seio da própria igreja que se espalhava pelo mundo da época. Para se entender melhor a designação “Padres da Igreja”, Hall, com muita propriedade, afirma que

O termo adquiriu sentido mais técnico a partir do quarto século, especialmente no contexto das controvérsias teológicas que povoaram o quarto e o quinto séculos. Enquanto os bispos — os professores da igreja — foram chamados pais do segundo século em diante, bispos que preservaram e protegeram fielmente as decisões do Concílio de Niceia (325 d.C.), Constantinopla (381) e Calcedônia (451) receberam esta designação como pessoas dignas de especial consideração por terem preservado o ensino ortodoxo durante o tempo da grande prova.³

De fato, não há dúvidas sobre a importância dos Pais para a história da teologia e da própria igreja. Além de produzirem significativa teologia, eles foram os responsáveis por preservarem a fé cristã nos momentos conturbados – sociológica e doutrinariamente falando – que os primeiros cristãos tiveram que enfrentar. O que se ressalta, entretanto, é que o que eles fizeram não partiu do nada. Antes, é possível constatar o quanto as Escrituras Sagradas constituíram o fundamento necessário para que eles defendessem a fé e alicerçassem a igreja.

Esse trabalho foi desenvolvido, à priori, como resultado de um trabalho maior, isto é, a partir da tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Nessa perspectiva, mais especificamente, pretende-se, por meio deste artigo, descrever como os Pais da Igreja valorizaram as Escrituras e, por conseguinte, como elas constituíram um fator essencial que conduziram seus escritos e muitas de suas ações. Como exemplo dessa realidade, a atuação de Orígenes e Jerônimo – dois importantes nomes do período –, corroboram com a percepção do quanto os Escritos Sagrados pautaram o trabalho dos Pais da Igreja.

³ HALL, C., *Lendo as Escrituras com os pais da Igreja*, p. 60.

A opção metodológica deste artigo se fundamenta em revisão de literatura. Espera-se, também, que as reflexões aqui apresentadas possam contribuir com uma melhor compreensão da história e um melhor conhecimento sobre a atuação dos Pais da Igreja, principalmente, a partir da perspectiva da relação deles com as Escrituras Sagradas. Afinal, conhecer tal história representa visitar as bases comuns que construíram o grande edifício que é a fé cristã na atualidade.

1. Os Pais da Igreja e a sua relação com as Escrituras Sagradas

Diante da presença relativamente prolongada nos primeiros séculos da história eclesiástica, os Pais da Igreja podem ser divididos em três categorias, a saber: “Pais Apostólicos”, “Apologistas” e “Polemistas”.⁴ Essa divisão não impede que um ou outro esteja incluído em mais de uma categoria.

Historicamente, logo após o fim da era apostólica, surgiram os primeiros pais, reconhecidos como “Pais Apostólicos”. Trata-se de “alguém que conhecia alguém que conhecia Jesus”, como bem simplificam Miller e Hubber⁵ ao lembrar a relação mais próxima que estes tinham com os apóstolos e, por isso, quase que de maneira exclusiva reportam os ensinamentos deles. De fato, a responsabilidade pela Igreja cristã, recém-nascida, estava agora sob eles. Por assim ser, eles escreveram, entre o primeiro e o segundo séculos, textos que edificaram a Igreja. Entre eles, destacam-se Clemente de Roma, Inácio de Antioquia e Policarpo.

Os apologistas formam um segundo grupo. Por meio de seus escritos e de suas reconhecidas habilidades, eles escreveram consistentes defesas da fé cristã, principalmente frente aos ataques do judaísmo e do paganismo, no período de significativa perseguição do Estado. Escrevendo contra os hereges ou a líderes do Estado, eles se esforçavam “para convencê-los da verdade da Bíblia através do argumento literário”.⁶ Nesse argumento resta óbvio que “a Escritura ocupa um papel central nas controvérsias teológicas”⁷ nos escritos dos Pais da Igreja, na Antiguidade. Situados a partir do segundo século, destacam-se Justino Mártir e Tertuliano.

⁴ CAIRNS, E. E., *O cristianismo através dos séculos*, p. 120.

⁵ MILLER, S.; HUBER, R., *A Bíblia e sua história*, p. 80.

⁶ CAIRNS, E. E., *O cristianismo através dos séculos*, p. 90.

⁷ DORIVAL, G., *Antiguidade Cristã Grega e Bíblia*, p. 99.

Por conseguinte, os polemistas, situados a partir do terceiro século, são caracterizados por escritos que combatiam falsos ensinamentos surgidos dentro ou fora da igreja. Destacam-se entre os polemistas Irineu, Orígenes, entre outros.

Vale ressaltar que os Pais da Igreja também podem ser categorizados em latinos/ocidentais (entre eles, Ambrósio, Agostinho, Jerônimo e Gregório, o Grande) e gregos/orientais (entre eles Atanásio, Basílio, Gregório de Nazianzo e João Crisóstomo).⁸

Como se constata, esse período foi marcado por intensa atividade apologética/polemista por meio da escrita.⁹ Esses escritos constituíram, por assim dizer, as primeiras literaturas cristãs, sendo designados, então, pela alcunha Pais Apostólicos. Não se trata de qualquer escrito, antes, pelo contrário, “as fontes dos pais da Igreja era a Bíblia”.¹⁰ Por isso, os Pais da Igreja formulavam o seu pensamento com originalidade e profundidade, conservando as Sagradas Escrituras como fonte privilegiada de inspiração para a construção de seus ensinamentos. Eles repetiam “o que afirmava um versículo ao reescrevê-lo a seu modo, na língua de seu século”.¹¹ Era o cristianismo se desenvolvendo e se fortalecendo sob o fundamento das Escrituras.

Ainda que em certos momentos algum escrito ou até mesmo algum dos “Pais” tenham sido questionados, a teologia que eles construíram fortaleceu a igreja, servindo como base doutrinária até os dias atuais para os cristãos. Eles defendiam a fé cristã com ousadia diante do paganismo e das heresias (o gnosticismo com seus “evangelhos gnósticos”, por exemplo) que surgiam. Por meio de seus escritos, algumas doutrinas cristãs, alicerces para a igreja em toda a história, foram por eles desenvolvidas. Nas palavras de Hall, esses escritos formam “um amplo conjunto de proposições teológicas, que tem permanecido básico para a ortodoxia cristã para quase todas as linhas denominacionais”.¹²

Contudo, o que largamente se ressalta nessa realidade patrística¹³ é a relação com as Escrituras Sagradas. De fato, o primeiro “e mais fundamental pressuposto, que regula a exegese patrística, é considerar a Escritura como

⁸ HALL, C., *Lendo as Escrituras com os pais da Igreja*, p. 66.

⁹ PADOVESI, L., *Introdução à Teologia Patrística*, p. 17-34.

¹⁰ LORTZ, J., *Historia de La Iglesia*, v. 1, p. 411 (tradução nossa).

¹¹ DORIVAL, G., *Antiguidade Cristã Grega e Bíblia*, p. 97.

¹² HALL, C., *Lendo as Escrituras com os pais da Igreja*, p. 64.

¹³ Patrística é nome que designa o pensamento e o arcabouço de doutrinas desenvolvidos pelos Pais da Igreja. Compreende boa parte da literatura cristã teológica desenvolvida entre o segundo e o quinto século. Por sua vez, Patrologia é a designação dada ao estudo histórico da vida e dos escritos dos Pais da Igreja (PADOVESI, L., *Introdução à Teologia Patrística*, p. 21-24).



divina".¹⁴ Por isso, os Pais da Igreja, constantemente, "citam e usam a linguagem das Escrituras".¹⁵ Deus confiou a Escritura Sagrada à igreja; cabia a eles proclamá-la. Sob esse alicerce, as Escrituras, reconhecidas por eles como inspiradas por Deus, constituem o alicerce do trabalho patrístico por meio dos escritos, da oração, da liturgia, da homilia.

Não se trata de uma simples relação teórica, apesar de eles terem desenvolvido, em paralelo aos outros escritos, muitos "comentários sobre a Sagrada Escritura".¹⁶ Eles tinham as Escrituras Sagradas como o fundamento de fé e de prática nas diversas situações que enfrentavam. As Escrituras Sagradas constituíam a resposta mais segura que eles tinham para as situações da vida, da sociedade e da igreja no tempo em que viveram. Mesters, ao analisar contextos específicos contemporâneos à João Crisóstomo e Agostinho, aponta que:

Fatos, acontecimentos, problemas, preocupações, experiências e vivências do século IV e V trouxeram uma contribuição substancial para a compreensão dos velhos textos da Bíblia (...). Ao abrirem a Bíblia, [Agostinho e João Crisóstomo] eram motivados por perguntas bem concretas, levantadas pela vida e pela história, para os quais buscavam uma resposta.¹⁷

Dessa forma,

Vista como dotada de autoridade divina e portadora de uma doutrina salutar, a Sagrada Escritura gozava de uma autoridade maior que outra qualquer na Igreja. Quando se tratava da edificação da Igreja, da definição de sua identidade em meios aos debates e inevitáveis confusões nos primeiros dias daquilo que era o movimento de Jesus, a Escritura divina era a única garantia de uma autêntica fé em Cristo.¹⁸

Nessa perspectiva, os Pais da Igreja, além de aplicá-las ao cotidiano e citá-las com certa frequência, contribuíram com a definição do cânon, a partir do quarto século, obviamente. Inicialmente, ainda sob influência do tempo apostólico, eles usavam e citavam muito mais o AT do que o NT.

¹⁴ KANNENGISSER, C., A leitura da Bíblia na Igreja Primitiva, p. 41 (grifo do autor).

¹⁵ CAIRNS, E. E., O cristianismo através dos séculos, p. 60.

¹⁶ LORTZ, J., Historia de La Iglesia, v. I, p. 420 (tradução nossa).

¹⁷ MESTERS, C., Palavra de Deus na história dos homens, p. 198.

¹⁸ KANNENGISSER, C., A leitura da Bíblia na Igreja Primitiva, p. 42.

Progressivamente, entretanto, eles passaram a inverter essa ordem, dando mais importância às palavras de Cristo e dos apóstolos devido às disputas teológicas que surgiram.¹⁹ Para se ter ideia da intensidade das citações patrísticas do texto do Novo Testamento, Paroshi lembra que “são tão numerosas essas citações que praticamente se poderia reconstruir todo o NT por intermédio delas, mesmo sem a ajuda dos manuscritos gregos e versões”.²⁰ O autor ainda acrescenta que “o NT foi citado mais de dezessete mil vezes pelos autores do segundo século e mais de doze mil vezes pelos autores do terceiro, exceto Orígenes”,²¹ afinal, este citou o NT mais do que todos os escritores do segundo e terceiro séculos juntos.

Deste modo, concomitantemente, eles testificaram

Em termos insofismáveis que os quatro evangelhos e os escritos dos apóstolos estavam começando a ser reconhecidos como Escritura Sagrada com a mesma autoridade do Antigo Testamento, mesmo que o Novo Testamento ainda não tivesse alcançado sua forma final em sua época. Quase todos os livros que chegaram a ser incluídos no Novo testamento são citados ou referidos nos Pais Apostólicos.²²

No período do Pais da Igreja, portanto, o cânon, que viria a formar o que atualmente concebe-se como Novo Testamento, é reconhecido. Afinal, entre outros, um dos critérios necessários para que se chegasse à conclusão da canonicidade dos livros do Novo Testamento foi o seu uso pelas igrejas locais, em suas respectivas liturgias. Ressalte-se, ainda, que essas igrejas constituíam o que os autores antigos classificam de “A Grande Igreja” e que, de fato, se refere às grandes capitais que protagonizavam a evangelização do Mediterrâneo. Tal uso, portanto, constituiu o critério de catolicidade do texto.

Como se percebe, os Pais falavam e difundiam as Escrituras. A Segunda Carta de Clemente de Roma, por exemplo, iguala o Antigo Testamento (chamado de Bíblia) com o Novo Testamento (chamado de Apóstolos). Além disso, ao se referir a um texto encontrado no em Mt 9,13, Clemente define-o como “outro texto da Escritura”.²³ Nesta mesma carta constam ainda cerca de

¹⁹ DORIVAL, G., *Antiguidade Cristã Grega e Bíblia*, p. 99.

²⁰ PAROSCHI, W., *Origem e transmissão do Texto do Novo Testamento*, p. 73.

²¹ PAROSCHI, W., *Origem e transmissão do Texto do Novo Testamento*, p. 73.

²² HÄGGLUND, B., *História da teologia*, p. 17.

²³ MILLER, S.; HUBER, R., *A Bíblia e sua história*, p. 81. Miller e Hubber ressaltam que o texto citado por Clemente está em 2Clemente 14.2.



trinta citações explícitas do NT.²⁴ A Epístola de Barnabé e a Carta de Inácio de Antioquia seguem esse mesmo padrão.²⁵

Tratam-se, portanto, de afirmações pós-apostólicas ainda dos primeiros séculos que consideram os textos do Novo Testamento como Escritura Sagrada, assim como eram os textos do Antigo Testamento. Deste modo, a difusão do texto sagrado e o estabelecimento do seu respectivo cânon ocorrem de forma indissociável.

Obviamente, como bem lembra Hall, essa relação com as Escrituras poderia se dar, também, “em pontos de acordo e de desacordo acerca de como se deve interpretar a Bíblia. [Ainda assim] Todos concordavam que a Bíblia é um texto inspirado”.²⁶ Historicamente, essas discordâncias foram e são comuns. O que mais importa, entretanto, é que, constituindo um alicerce necessário para a igreja cristã que crescia frente aos desafios que lhe eram impostos,

Não foi tanto através das alianças políticas nem tampouco graças ao tipo de administração herdada do Império Romano tardio, que se garantiu a unidade formal entre os patriarcados cristãos, mas pela sua comum submissão à mesma revelação divina recebida da Escritura. Em um período que se estende do século II até ao século VII da era cristã, a irradiação criativa da Escritura impregnou todos os valores tradicionais da Antiguidade tardia.²⁷

Por meio de seus escritos, enquanto difundiam as Escrituras, os Pais constituíram as bases do desenvolvimento da Igreja em seu aspecto coletivo e comunitário, sem deixar, entretanto, de ressaltar a necessidade da disposição pessoal e espiritual para que se pudesse ler adequadamente a Palavra de Deus.

Para os cristãos dos primeiros séculos, a atualidade da Bíblia é tal que quase não existem espaços da vida que não sejam organizados a partir de um referencial à Escritura. Pode-se dizer que há uma cristianização, em termos bíblicos, quase completa do tempo e do espaço.²⁸

²⁴ DORIVAL, G., *Antiguidade Cristã Grega e Bíblia*, p. 98.

²⁵ DREHER, M. N., *Bíblia*, p. 11.

²⁶ HALL, C., *Lendo as Escrituras com os pais da Igreja*, p. 151.

²⁷ KANNENGISSER, C., *A leitura da Bíblia na Igreja Primitiva*, p. 46.

²⁸ DORIVAL, G., *Antiguidade Cristã Grega e Bíblia*, p. 100.



Para a igreja que crescia aos poucos, principalmente nos primeiros séculos, esse é um momento de vital importância. É no período patrístico, por exemplo, que o culto cristão começa a tomar forma. Semelhante ao culto judaico de uma sinagoga, as Escrituras também obtiveram significativa importância na recém-criada liturgia cristã. Obviamente, a grande diferença se deu pelo acréscimo da leitura do Novo Testamento. Como cerne da liturgia, “aquilo que a Igreja tinha que proclamar era a Escritura”²⁹ e, assim, “ao lado da liturgia eucarística havia liturgias da Palavra”.³⁰ Lortz resume com propriedade esses fatos ao lembrar que,

Uma vez que os cristãos se separaram da comunidade judaica e se abstiveram do serviço do templo, eles organizaram seu culto seguindo o modelo judaico: leitura das Sagradas Escrituras e a pregação (como Paulo em Atos 20,7ss); a isso foi adicionado o “partir do pão”, isto é, a celebração eucarística da Ceia do Senhor.³¹

Nesse sentido, as “Escrituras são, sem dúvida, norma da liturgia. Nesta estreita vinculação entre Escrituras e liturgia, está todo o entendimento espiritual que os Pais da Igreja intuíram e concretizaram”.³² De acordo com os Pais da Igreja, portanto, o culto é um lugar onde a Escritura se torna indispensável, pois, por meio da liturgia, eles “descortinavam as Sagradas Escrituras para toda a comunidade”. Até mesmo as orações eram algumas vezes retiradas dos Evangelhos ou das Cartas Paulinas. Já no terceiro século, as cerimônias foram atreladas aos dias festivos, estabelecendo leituras que estavam relacionadas ao que se celebrava. O fato preponderante nesse processo é que “muitas informações da Bíblia formaram a liturgia cristã e seu calendário litúrgico”.³³

Constata-se, então que, tanto no aspecto litúrgico, como no aspecto doutrinário da fé cristã, a influência dos pais da igreja, sob o fundamento das Escrituras, foi um marco na história, principalmente naquela época em que havia um “alto índice de analfabetismo”.³⁴ Quando liam, eles explicavam, pregavam e inseriam as Escrituras na vida da igreja e, ao mesmo tempo, evidenciavam

²⁹ KANNENGISSER, C., A leitura da Bíblia na Igreja Primitiva, p. 43.

³⁰ MARKSCHIES, C., De meados do século II até o final do século III, p. 76.

³¹ LORTZ, J., Historia de La Iglesia, v. I, p. 125 (tradução nossa).

³² BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 16.

³³ FITZMYER, J. A., A Bíblia na Igreja, p. 104.

³⁴ MARKSCHIES, C., De meados do século II até o final do século III, p. 75.

a sua importância. Tal evidência foi tão significativa que contribuiu com o fechamento do cânon. Assim, na realidade patrística, “formação do Novo Testamento, leitura da Bíblia e liturgia estão muito próximas”.³⁵

Para além da presença marcante das Escrituras nesses aspectos, “na catequese, a Bíblia tem uma importância central”.³⁶ O ensinamento para o neófito ou para o leigo é de tamanha importância que as Escrituras são colocadas como foco nessa formação.

Nesse período, constata-se, então, uma difusão das Escrituras que estimula a fé, edifica a igreja, estabelece o cânon neotestamentário, combate heresias, fundamenta a liturgia, constitui a doutrina e constrói a teologia. Não é de se admirar, portanto, que até hoje os Pais da Igreja sejam referências para a igreja cristã.

2. Orígenes e a sua relação com as Escrituras Sagradas

É no período da patrística, por meio de um dos Pais da Igreja,³⁷ que se tem o que atualmente poderia ser concebido como uma Bíblia de Estudo, isto é, uma Bíblia que além de seu texto escriturístico fornece concomitantemente auxílios que facilitam a leitura e a interpretação das Escrituras. Trata-se da *Bíblia Héxapla* de Orígenes (185 – 253), um dos mais profícuos escritores, brilhante professor, exímio pregador e erudito teólogo da igreja. Lortz, ao comentar tal feito, destaca que

A erudição de Orígenes, bem como sua aplicação, supera todo o imaginável. Uma fecundidade literária igualmente grande correspondia à sua enorme capacidade de trabalho. Ele não só comentou quase todas as Sagradas Escrituras de diferentes pontos de vista; como também foi pioneiro na reconstrução filológica exata do texto dos Livros Sagrados (do Antigo Testamento), colocando o texto hebraico (na língua hebraica e em sua transcrição grega), além de quatro traduções gregas existentes, em seis colunas (=Hexapla) um ao lado de outro.³⁸

³⁵ DREHER, M. N., Bíblia, p. 12.

³⁶ DORIVAL, G., Antiguidade Cristã Grega e Bíblia, p. 102.

³⁷ Hall afirma que Orígenes não é reconhecido por alguns como um dos Pais da Igreja devido a alguns desvios doutrinários. Alguns de seus ensinamentos, inclusive, foram condenados pelo II Concílio em Constantinopla no ano 553 (HALL, C., Lendo as Escrituras com os pais da Igreja, p. 62).

³⁸ LORTZ, J., Historia de La Iglesia, v. I, p. 97 (tradução nossa).

De fato, o projeto é muito amplo. Por sua extensão, poderia até ser considerado um conjunto enciclopédico da Bíblia, pois além de levar 15 anos para ficar pronta, calcula-se que a obra tinha “cerca de 6.500 páginas, num total de mais ou menos 15 volumes”,³⁹ limitados, porém, ao Antigo Testamento. A Hécapla de Orígenes tinha seis versões diferentes das Escrituras judaicas colocadas em colunas paralelas. A ideia de Orígenes era permitir que o leitor pudesse comparar as versões disponíveis e, ao mesmo tempo, encontrar meios mais fáceis para encontrar textos bíblicos, comparando-os com versões distintas a fim de usá-las como argumentação teológica em seus debates. Trata-se de um trabalho que contribuiu muito com a difusão e o estudo das Escrituras, pois naquela época

Havia muitas versões do Antigo Testamento, várias em hebraico e algumas contendo trechos que outras não continham. Havia também muitas traduções gregas da Bíblia Hebraica, incluindo muitas variações da Septuaginta, a primeira tradução em grego. Então, ele decidiu colocar as melhores versões em colunas paralelas para melhor poder estudá-las. (...) Orígenes dedicou a maior parte do seu tempo à quinta coluna, isto é, à revisão da Septuaginta. Algumas passagens da Septuaginta não aparecem no texto hebraico, e outras partes que apareciam no texto em hebraico estavam faltando na Septuaginta. Orígenes incluiu tudo na sua versão revisada (com notas indicando quais passagens estavam faltando no hebraico e quais foram adicionadas).⁴⁰

Como se percebe, foi um trabalho intenso. Essa obra de Orígenes foi tão significativa para a história da difusão das Escrituras que foi, inclusive, base para a tradução que mais tarde seria desenvolvida por Jerônimo em sua Vulgata. Orígenes, por meio da *Bíblia Hécapla*, contribuiu significativamente para que a difusão das Escrituras chegasse a um patamar ainda pouco ou quase nunca alcançado na leitura bíblica por meios dos auxílios ao estudo bíblico pelo leitor.

Vale ressaltar ainda que a dedicação de Orígenes à interpretação bíblica contribuiu com a definição do cânon neotestamentário. Esse período foi marcado pela dedicação à leitura e à compreensão dos textos a partir dos ensinamentos cristãos. A contribuição de Orígenes se deu por meio de uma pesquisa realizada por ele entre igrejas cristãs da época. Ele queria saber quais

³⁹ MILLER, S.; HUBER, R., A Bíblia e sua história, p. 90.

⁴⁰ MILLER, S.; HUBER, R., A Bíblia e sua história, p. 91.

livros as igrejas estavam usando regularmente, visto que o uso pelas igrejas locais constituiria um dos critérios mais relevantes para o fechamento do cânon. É importante lembrar que, naquele tempo,

De longe nem todas as comunidades possuíam uma Bíblia completa; partes da Bíblia – o Novo Testamento completo foi transmitido em quatro volumes: evangelhos, epístolas paulinas, Atos do Apóstolos e epístolas católicas com o Apocalipse – parecem ter assumido esse papel.⁴¹

Cada igreja utilizava certos livros com regularidade. Esse uso era fundamental, pois conferia legitimidade aos livros considerados inspirados. Assim como ocorreu com o Antigo Testamento, pode-se perceber que o cânon neotestamentário se desenvolveu de forma progressiva e histórica.

O resultado obtido na pesquisa de Orígenes permitiu que se estabelecessem três categorias de livros que poderiam compor o Novo Testamento. Essa pesquisa certamente influenciou Atanásio de Alexandria, que, em 367 d.C., elaborou uma “lista que contém todos (e apenas) os 27 livros do NT”.⁴² Os resultados da pesquisa sobre os livros utilizados nas igrejas foram assim categorizados por Eusébio: os aceitos (*homologoumena*), os questionados (*antilegomena*) e os rejeitados (*pseudepígrafos*).

Vale ressaltar que, contra algumas teorias de conspiração que existem, a definição do cânon não ocorreu a partir do nada. Ela surgiu num processo histórico que contou com a contribuição inicial de Orígenes e Eusébio.⁴³ Historicamente, portanto, os 27 livros do Novo Testamento “já eram quase universalmente aceitos como a segunda parte da Bíblia. Isso se confirmou quando os líderes da Igreja adotaram o cânon em várias conferências no Norte da África: em Hipona, em 393; Cartago, em 397 e em 419”.⁴⁴ Konings reitera essa percepção ao dizer que

Comumente se imagina que a canonização tenha acontecido de um dia para outro, pela vontade de alguns rabinos ou bispos reunidos. Na realidade, os

⁴¹ MARKSCHIES, C., De meados do século II até o final do século III, p. 88.

⁴² SCHOLZ, V., Princípios de interpretação bíblica, p. 26.

⁴³ “O primeiro elenco dos livros do Novo Testamento é um texto do século II, o ‘cânon de Muratori’” (KONINGS, J., A Palavra se fez livro, p. 71). Trata-se de um fragmento antigo onde consta uma lista dos livros utilizados na igreja de Roma e que coincidem com quase todos os livros do Novo Testamento, escrito por volta de 170 d.C.

⁴⁴ MILLER, S.; HUBER, R., A Bíblia e sua história, p. 97.



livros sagrados foram, gradativamente, “canonizados *de facto*”, pelo uso da comunidade que neles encontrava um referencial adequado de sua fé. A canonização oficial foi, em geral, uma consagração ulterior do uso que nascera da intuição da fé da comunidade.⁴⁵

Como se percebe, as Escrituras criam a igreja e a igreja reconhece as Escrituras. Por conseguinte, os livros bíblicos, antes queimados pela perseguição sofrida nos primeiros séculos,⁴⁶ por meio de sua difusão e uso, eram agora aceitos e agrupados num cânon que criou, junto com os escritos do Antigo Testamento, a Bíblia Sagrada. Como fruto de um desenvolvimento prolongado e progressivo, “assim surgiu uma *lista de livros* ou de escritos, reconhecidos por todos como sendo a expressão da sua fé, das suas convicções, da sua história, das suas leis, do seu culto, dos seus cantos, da sua missão”.⁴⁷

Outra participação de Orígenes em relação à difusão das Sagradas Escrituras se deu pelo incentivo da leitura bíblica fundamentada em um tipo de interpretação: a alegoria.⁴⁸ De certa forma, a alegoria sempre esteve presente na história da leitura das Escrituras. Os escritos paulinos, por exemplo, por vezes se baseiam em alegorização de textos do AT. A questão que deve ser percebida, entretanto, é a intensidade e a profundidade de seu uso. A tipologia é um tipo de alegoria. Quando se lê o Antigo Testamento, encontrando Cristo presente nele, como fizeram muitos dos primeiros cristãos e dos Pais da Igreja, se está lendo sob a ótica de uma leitura alegórica.

A questão é que a alegoria constituía uma leitura muito popular naquela época. E, em Alexandria, cidade de Orígenes, a alegoria tinha encontrado boa aceitação por meio de outros personagens que se destacaram na história, como Fílon de Alexandria, por exemplo. Por isso, Orígenes se tornou um grande defensor e propagador desse tipo de leitura da Bíblia, constituindo, assim, a Escola de Alexandria, reconhecida pela leitura e interpretação alegórica da Bíblia.⁴⁹

⁴⁵ KONINGS, J., A Bíblia, sua origem e sua leitura, p. 154.

⁴⁶ EUSÉBIO DE CESAREIA, História Eclesiástica, Livro VIII, II, 4.5. Ressalte-se, porém, que essa afirmação de Eusébio, apesar de verdadeira, jamais pode ser generalizada. Afinal, isso não representa um costume constante em toda antiguidade cristã, ainda que demonstre a gravidade com que era vivido naquele momento histórico, que é o início do quarto século.

⁴⁷ MESTERS, C., Bíblia, p. 11.

⁴⁸ Alegoria “é um tipo de metáfora expandida na qual um acontecimento ganha um significado que vai além daquele que é evidente” (MILLER, S.; HUBER, R., A Bíblia e sua história, p. 102).

⁴⁹ KLEIN, W.; HUBBARD JR, R.; CRAIG, B., Introdução à interpretação bíblica, p. 102.

Para Orígenes, havia três níveis básicos de significado. Os menos importantes eram o sentido literal e o sentido histórico; o terceiro, o significado simbólico, era alcançado por meio do uso da alegoria”.⁵⁰

Em contraposição a este tipo de leitura, surgiu na Síria a Escola de Antioquia, pela qual a leitura bíblica era incentivada por um método diferente que, mesmo assim, aceitava com certos limites a possibilidade da interpretação alegórica por meio de tipologias.

A escola de Antioquia ficou conhecida por sua abordagem histórica e literal na interpretação das Escrituras. Seus líderes incentivavam o estudo das línguas bíblicas originais (hebraico e grego) e foram autores produtivos que escreveram vários comentários sobre as Escrituras. Para eles, o que ligava o Antigo e o Novo Testamento eram a tipologia e as profecias, em lugar da alegorização alexandrina.⁵¹

Por tais razões, o método alegórico “foi criticado por uma série de autores que escreviam em Antioquia”.⁵² João Crisóstomo, que era um exímio orador das Escrituras, é uma das grandes referências desta escola.⁵³ A Escola de Alexandria exerceu grande influência por longos períodos da história da Igreja. Já a Escola de Antioquia não continuou por muito tempo, mas, ainda assim, exerceu certa influência em alguns expoentes da fé cristã.⁵⁴

Nesta trajetória, vale lembrar ainda que, conforme destaca Paroschi, Orígenes tem uma relação intensa com as Escrituras a ponto de que apenas por suas citações quase seria possível reconstruir o texto do NT sem os manuscritos gregos e as versões. Nesse ínterim, o autor ressalta que “somente Orígenes citou o NT mais de 32 mil vezes, ou seja, mais que todos os autores do segundo e terceiro séculos combinados”.⁵⁵

Por fim, Scholz ainda pontua que ele foi, “aparentemente, o primeiro a aplicar o termo ‘Bíblia’ aos livros inspirados do Novo Testamento”,⁵⁶ sendo

⁵⁰ MILLER, S.; HUBER, R., *A Bíblia e sua história*, p. 102.

⁵¹ BASTOS, M. V., *Breve história da Escola de Antioquia e sua influência na hermenêutica da Reforma Protestante*, p. 134.

⁵² DORIVAL, G., *Antiguidade Cristã Grega e Bíblia*, p. 92.

⁵³ ZUCK, R., *A interpretação bíblica*, p. 43.

⁵⁴ KAISER JUNIOR, W. C.; SILVA, M., *Introdução à Hermenêutica Bíblica*, p. 214.

⁵⁵ PAROSCHI, W., *Origem e transmissão do Texto do Novo Testamento*, p. 73.

⁵⁶ SCHOLZ, V., *A Bíblia*, p. 8.

que, com o passar do tempo, esse termo foi utilizado para todos os livros da atual Bíblia Sagrada.

3. Jerônimo e a sua relação com as Escrituras Sagradas

Os primeiros séculos da era cristã foram distintos na história da igreja, bem como na história da difusão das Escrituras. Dos primórdios do cristianismo até o início do quarto século, em vários momentos a Igreja sofreu com perseguições que resultaram na morte de muitos cristãos. O cristianismo chegou a ser “proibido por uma lei específica no ano 303 d.C. num dos quatro éditos (o texto exato se perdeu) do imperador Diocleciano”.⁵⁷ Nesse período, além da destruição de igrejas, os livros cristãos que formavam as Escrituras eram, por vezes, queimados, conforme pode se constatar no relato do historiador Eusébio de Cesaréia:

Era este o ano dezenove do império de Diocleciano e o mês de Distro – entre os romanos se diria o de março – quando, estando próxima a festa da Paixão do Salvador, por todas as partes **estenderam-se editos imperiais mandando arrasar até o solo as igrejas e fazer desaparecer pelo fogo as Escrituras**, e proclamando privados de honras a aqueles que delas desfrutavam e de liberdade aos particulares se permanecessem fiéis em sua profissão de cristianismo. Assim foi o primeiro edito contra nós, mas não muito depois vieram-nos outros editos nos quais se ordenava: primeiro, lançar nas prisões todos os presidentes das igrejas em todo lugar, e depois, forçá-los por todos os meios a sacrificar.⁵⁸

Contudo, a partir do século quarto, com a conversão do imperador, a fé cristã se espalhou por várias regiões e, obviamente, as Escrituras acompanharam a igreja em sua expansão pelo mundo. A difusão da fé cristã, portanto, se entrelaça à difusão das Escrituras. Entre outros, Agostinho⁵⁹ e

⁵⁷ MARKSCHIES, C., De meados do século II até o final do século III, p. 58.

⁵⁸ EUSÉBIO DE CESAREIA, História eclesiástica, Livro VIII, II, 4.5 (grifo nosso).

⁵⁹ Sobre o lugar das Escrituras na vida de Agostinho, Lortz lembra que antes de sua conversão, “as histórias da Sagrada Escritura pareciam ‘*contos de viejas* [histórias antigas contadas por pessoas idosas não dignas de crédito]’, mas agora, sob a influência das homílias de São Ambrósio, a leitura da Bíblia se transformou em um costume regozijante” (LORTZ, J., *Historia de La Iglesia*, v. I, p. 179 [tradução nossa]).



Jerônimo contribuíram significativamente para que a Palavra de Deus se espalhasse e se solidificasse na vida da Igreja.

Jerônimo (347 – 420) é um doutor da Igreja. Ele, entre outros, recebe esta designação dada pela Igreja Católica por se distinguir pelo saber e pela contribuição profundamente teológica que fez à igreja cristã. Um doutor da Igreja nem sempre é um Pai da Igreja. Mas, para Jerônimo, ambas as designações são salutares. Nesse sentido, Miller e Hubber destacam que “como estudioso da Bíblia Jerônimo não tinha quem chegasse perto dele; foi o melhor de sua época”.⁶⁰ É por isso que, como bem lembra Lortz, ao falar sobre Jerônimo, há sempre a necessidade de se “aludir ao seu trabalho bíblico”.⁶¹

Conhecedor dos clássicos gregos e romanos, Jerônimo se tornou também um hábil estudioso das Escrituras Sagradas, inclusive das línguas originais. Seu interesse “pela Bíblia foi o resultado de uma verdadeira conversão”.⁶² Para ele, o conhecimento das Escrituras era fundamental, pois se aproximando das Escrituras seria possível conhecer o próprio Jesus. Em suas palavras, “ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo”.⁶³ Como consequência de tal apreço “ele também comentou muitos dos livros da Escritura”.⁶⁴

Em sua trajetória, foi monge, sacerdote e secretário de Dâmaso, bispo de Roma, que fez a ele um pedido especial: revisar as tradições latinas da Bíblia Sagrada.⁶⁵ Mesmo após a morte de Dâmaso, Jerônimo, já residindo em Belém, concluiu sua tradução da Bíblia, a Vulgata. Além dessa tradução, Jerônimo também se distinguiu como um grande biblista. Ele escreveu diversas obras a partir da Bíblia (comentários, dicionários, mapas etc.) e, apesar de se basear no estilo alegórico de interpretação da Bíblia, devido ao seu conhecimento, ele conseguiu alcançar o equilíbrio, evitando quaisquer excessos.⁶⁶ Nem tanto para alegoria, nem tanto para a literalidade. Hall destaca que, em certo momento, inclusive, Jerônimo teceu sérias críticas ao método alegórico.⁶⁷ Nesse sentido, Lortz acrescenta que Jerônimo,

⁶⁰ MILLER, S.; HUBER, R., A Bíblia e sua história, p. 106.

⁶¹ LORTZ, J., Historia de La Iglesia, v. I, p. 184 (tradução nossa).

⁶² AUWERS, J., Antiguidade Cristã Latina e Bíblia, p. 105.

⁶³ JERONIMO *apud* FERNANDES, L. A., A Bíblia e sua mensagem, p. 11.

⁶⁴ LORTZ, J., Historia de La Iglesia, v. I, p. 184 (tradução nossa).

⁶⁵ TEIXEIRA, P., Traduções da Bíblia, p. 47.

⁶⁶ MILLER, S.; HUBER, R., A Bíblia e sua história, p. 107.

⁶⁷ HALL, C., Lendo as Escrituras com os pais da Igreja, p. 117.

Com base na verdade histórica e, conseqüentemente, no sentido literal, queria enfatizar seu conteúdo espiritual. É por isso que ele lutou tanto contra o modelo proposto por Orígenes, por causa de seu alegorismo. A única coisa que realmente importava para Jerônimo era o texto correto.⁶⁸

A Vulgata de Jerônimo é, mais uma vez, um exemplo da necessidade de se traduzir a Bíblia para a língua do povo. Na época de Jesus era o grego que era a língua universal e, assim, os livros do Novo Testamento foram escritos em grego. Na época de Jerônimo, entretanto, a língua litúrgica utilizada pelos cristãos ocidentais era o latim. Aliás, mais do que isso. Como bem lembra Lortz, “o latim, a partir da segunda metade do século IV, tornou-se uma espécie de paládio da ortodoxia”.⁶⁹ Portanto, para a Bíblia ser lida, estudada, difundida e utilizada na liturgia, ela precisava ser traduzida mais uma vez.

Ainda que houvesse traduções latinas da Bíblia, elas não eram tão boas. Assim, Jerônimo foi o responsável por essa missão da tradução bíblica. Há certa divergência histórica sobre o fato de Jerônimo ter concluído sua tradução. Alguns⁷⁰ argumentam que seu trabalho se limitou ao Antigo Testamento e alguns livros do Novo Testamento; outros afirmam que ele concluiu completamente sua tarefa.

É interessante notar que, inicialmente, como ocorre até os dias atuais com muitas traduções, o trabalho de Jerônimo foi em parte rejeitado e por alguns criticados. Para estes, o “texto soava demasiado popular”.⁷¹ Em resposta a estas críticas, ele, sarcasticamente, argumenta que “se alguém preferir a edição dos Setenta (a Septuaginta), ela está aí disponível, pois foi corrigida por mim”.⁷²

Jerônimo rejeitou alguns dos livros que constavam na Septuaginta.⁷³ Entre outras hipóteses, este é um motivo que levou os críticos a se revoltarem contra ele e sua tradução. Jerônimo pela primeira vez chamou alguns desses livros deuterocanônicos de apócrifos. Entretanto, mesmo considerando esses livros de tal forma, ele os traduziu e os incluiu em sua tradução da Bíblia. Com o passar do tempo, as objeções caíram, e essa tradução ficou reconhecida como a Bíblia Vulgata, que permaneceu por séculos como a Bíblia oficial da

⁶⁸ LORTZ, J., *Historia de La Iglesia*, v. I, p. 184 (tradução nossa).

⁶⁹ LORTZ, J., *Historia de La Iglesia*, v. I, p. 155 (tradução nossa).

⁷⁰ MILLER, S.; HUBER, R., *A Bíblia e sua história*, p. 108; TEIXEIRA, P., *Traduções da Bíblia*, p. 48.

⁷¹ TEIXEIRA, P., *Traduções da Bíblia*, p. 48.

⁷² JERONIMO *apud* MILLER, S.; HUBER, R., *A Bíblia e sua história*, p. 108.

⁷³ MANNUCCI, V., *Bíblia, Palavra de Deus*, p. 255.

Igreja no Ocidente.⁷⁴ Sem dúvida, um grande legado para a fé cristã e para a difusão das Escrituras Sagradas.

Vale ressaltar, ainda, que a Bíblia Vulgata não foi a única tradução desse tempo, entre o quarto e o quinto século, mesmo tendo sido umas das mais importantes traduções realizadas na história da igreja. O que se pode afirmar, sem dúvida, é que a Vulgata, junto a outras traduções, possibilitou maior eficácia da igreja em sua missão. De fato, “o cristianismo propagou-se nas margens ou limites do Império Romano-Bizantino, graças a um esforço ingente na tradução da Bíblia (AT e NT) para as línguas destes povos. O cristianismo foi classificado por isto como ‘fenômeno de tradução’”.⁷⁵ Nesse sentido, difusão e tradução das Escrituras são aspectos indissociáveis.

Conclusão

Logo depois do período apostólico, coube aos Pais da Igreja a missão de ler interpretar e difundir os Escritos Sagrados. E isso eles fizeram com excelência e proficuidade nos primeiros seis séculos da história da igreja. O cristianismo cresceu e se espalhou porque as bases fundamentais foram bem estabelecidas. No espaço público ou nos ambientes internos da igreja, os Pais defenderam a fé cristã e lutaram bravamente para rejeitar os falsos ensinamentos.

Tais ações são fruto de um compromisso sério e engajado com as Escrituras. O que se percebe é que os Pais da Igreja, mais do que mera especulação ou achismos, valorizam as Escrituras como Palavra de Deus que era necessária para fortalecer e desenvolver a recém surgida igreja cristã.

As Escrituras Sagradas estiveram significativa e consistentemente presente na atuação (pregação, ensino etc.) dos Pais da Igreja. A leitura sagrada foi constante e citação das Escrituras foi ampla. O cânon foi estabelecido de forma natural e gradual. Recursos de estudo e traduções foram elaboradas, para que, assim, a mensagem fosse amplamente difundida pelos cristãos.

Entre outros, Orígenes e Jerônimo merecem destaque pelo trabalho bíblico realizado. Além de desenvolverem conteúdos de auxílio à leitura e ao estudo das Escrituras, eles contribuíram para a acessibilidade do texto sagrados, construindo uma nova cultura de leitura e reprodução dos textos

⁷⁴ Após o Concílio Vaticano II a Vulgata foi revisada, sendo substituída pela Neovulgata que, no lugar de sua antecessora, é a tradução oficial utilizada pela Igreja Católica.

⁷⁵ BARRERA, J. T., A Bíblia judaica e a Bíblia cristã, p. 150 (grifos do autor).

bíblicos. A Bíblia Héxapla de Orígenes e a tradução Vulgata de Jerônimo constituem grandes contribuições na história.

Como se percebe, portanto, os Pais da Igreja contribuíram para uma significativa difusão das Escrituras, incitando à fé, construindo a igreja, estabelecendo o cânon neotestamentário, refutando heresias, criando a liturgia, fundamentando a doutrina e forjando a teologia. Não é de se admirar, portanto, que até hoje os Pais da Igreja sejam referências para a igreja cristã.

Referências bibliográficas

AUWERS, J. Antiguidade Cristã Latina e Bíblia. In: LONGTON, J. et al. (Orgs.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Loyola / Paulinas / Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2013. p.104-105.

BARRERA, J. T. **A Bíblia judaica e a Bíblia cristã**. Petrópolis: Vozes, 1995.

BASTOS, M. V. Breve história da Escola de Antioquia e sua influência na hermenêutica da Reforma Protestante. **Revista Ensaios Teológicos**, v. 1, n. 1, p. 132-144, jun. 2015. Disponível em: <<http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaios/article/view/80/131>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

BOSELLI, G. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: CNBB, 2014.

CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

DORIVAL, G. Antiguidade Cristã Grega e Bíblia. In: LONGTON, J. et al. (Orgs.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Loyola / Paulinas / Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2013. p. 91-104.

DREHER, M. N. **Bíblia: suas leituras e interpretações na História do Cristianismo**. São Leopoldo: CEBI e Sinodal, 2006.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. São Paulo: Novo Século, 2002.

FERNANDES, L. A. **A Bíblia e sua mensagem: introdução à leitura e ao estudo da Bíblia**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Reflexão, 2010.

FITZMYER, J. A. **A Bíblia na Igreja**. São Paulo: Loyola, 1997.

GERONE JUNIOR, A. **Uma história da difusão das Escrituras Sagradas: a atuação das Sociedades Bíblicas no Brasil**. Rio de Janeiro, 2018. 400p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35956/35956.PDF>>. Acesso em: 20 out. 2021.

HÄGGLUND, B. **História da teologia**. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

HALL, C. **Lendo as Escrituras com os pais da Igreja**. Viçosa: Ultimato, 2007.

KAISER JUNIOR, W. C.; SILVA, M. **Introdução à Hermenêutica Bíblica**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

KANNENGIESSER, C. A leitura da Bíblia na Igreja Primitiva: exegese patristica e seus pressupostos. **Revista Concilium**, n. 233, p. 41-49, jan./fev. 1991.

KLEIN, W.; HUBBARD JR, R.; CRAIG, B. **Introdução à interpretação bíblica**: Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

KONINGS, J. **A Bíblia, sua origem e sua leitura**: introdução ao estudo da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 2014.

KONINGS, J. **A Palavra se fez livro**. São Paulo: Loyola, 2014.

LORTZ, J. **Historia de La Iglesia**: en la perspectiva de la historia del pensamiento. Antigüedad y edad media. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1965. v.I.

MANNUCCI, V. **Bíblia, Palavra de Deus**: curso de introdução à Sagrada Escritura. São Paulo: Paulus, 1985.

MARKSCHIES, C. De meados do século II até o final do século III. In: KAUFMANN, T. et al. (Orgs.). **História Ecumênica da Igreja 1**: dos primórdios até a Idade Média. São Paulo: Loyola / Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 51-92.

MESTERS, C. **Bíblia**: livro feito em mutirão. São Paulo: Paulus, 1993.

MESTERS, C. **Palavra de Deus na história dos homens**. Petrópolis: Vozes, 1970.

MILLER, S.; HUBER, R. **A Bíblia e sua história**: O surgimento e o impacto da Bíblia. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

PADOVESI, L. **Introdução à teologia patristica**. São Paulo: Loyola, 1999.

PAROSCHI, W. **Origem e transmissão do Texto do Novo Testamento**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.



SCHOLZ, V. A Bíblia: sua natureza, funções e finalidade. In: ZIMMER, R. (Org.). **Manual do Seminário de Ciências Bíblicas**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. p. 7-13.

SCHOLZ, V. **Princípios de interpretação bíblica**: introdução à hermenêutica com ênfase em gêneros literários. Canoas: ULBRA, 2006.

TEIXEIRA, P. Traduções da Bíblia: história, princípios e influência. In: ZIMMER, R. (Org.). **Manual do Seminário de Ciências Bíblicas**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. p. 41-70.

ZUCK, R. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994.

Acyr de Gerone Junior

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Secretário Regional da Sociedade Bíblica do Brasil

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: acyrjr@gmail.com

Recebido em: 04/08/2021

Aprovado em: 24/05/2022